

HOSPITAL ROVISCO PAIS DA SEGREGAÇÃO À REABILITAÇÃO*

Situado na vila da Tocha, a poucos quilómetros do mar, e num ambiente aprazível de dunas e de pinhal, o Hospital Rovisco Pais parece ter terminado um ciclo de vida, e foi o motivo para a nossa visita, onde tivemos como interlocutores os colegas Bexiga, Elias e Irene.

Concebido para o controle da lepra em Portugal, foi aberto em 1947, e nele eram muitas vezes compulsivamente isolados todos os doentes a quem era diagnosticada a doença de Hansen.

Instituição residencial dos doentes leprosos, proporcionava um nível de vida dentro do Hospital Rovisco Pais, que ao tempo, era superior ao que existia fora

deste. A existência de um teatro ao ar livre, de serviços de saúde ocupacionais, de uma Escola Profissional e bem assim os aspectos relativos à satisfação das necessidades básicas (alimentação, higiene, etc) eram a prova disso. Aqui, os doentes que quisessem iam à escola, coisa que não teriam oportunidade de fazer lá fora.

As condições deste Hospital eram superiores, à maioria dos Hospitais Centrais, tendo este sido concebido com todas as condições para responder às necessidades em cuidados de saúde que surgissem a estes doentes. Embora desactivados, ainda hoje se constata a existência daquilo que se

poderá designar como um excelente bloco operatório para a época, de salas de estomatologia, de um ginásio de reabilitação com alguns equipamentos que muitos Hospitais ainda hoje não têm. A largura dos corredores e portas, denota uma ainda actualização, que nem em alguns edifícios hospitalares recentes está adequada.



Não raras vezes entravam camufladamente jovens, e não só, residentes das redondezas, para contactarem com essas realidades. "Eu próprio quando era jovem e porque residia aqui perto, vim diversas vezes, entrando pelos arbustos, ver o teatro e sentava-me junto aos doentes pois desconhecia o risco" confidenciou-nos o colega Bexiga.

O que faltava àqueles doentes era a liberdade de poderem relacionar-se socialmente. O que os doentes receavam era a discriminação social que sobre eles recaía quando se diagnosticava a doença.

Os Enfermeiros tiveram um papel pioneiro, quer em termos de cuidados aos

doentes, na prevenção, diagnóstico e tratamento, quer ainda na desmistificação da doença contribuindo ao longo dos anos para a diminuição da discriminação social que foi feita a estes doentes.

Trabalhando durante várias décadas em regime de "Brigadas" os

Enfermeiros eram responsáveis por determinada região do país, e eram eles que melhor entendiam as perseguições feitas a estes doentes. O Elias foi responsável pelo Algarve e parte do Alentejo durante vários anos. E embora na década de 40 e 50, já fosse aceite cientificamente que não era necessário o isolamento das pessoas para o controle da doença de Hansen, esse conhecimento era

restrito e politicamente a ordem era para isolar os doentes.

Daí constatar-se que os doentes fugiam, mais à perseguição social e à discriminação, pelo medo do contágio, do que ao tratamento. Um doente chegava a vir 14 quilómetros em cima de uma mula à procura do Enfermeiro, no alto da serra, num sítio mais recondito, a chover ou a nevar, e era aí que era administrada a terapêutica injetável. E lá estava o Mário Bexiga com a "moto do estado" e a mula com os medicamentos, a compreender o estigma desta doença, e por isso a administrar a medicação ali mesmo, com o doente de pé que baixava as

* Da responsabilidade de Fernando Henriques e Fernando Amaral

calças, e muitas vezes a segurar no chapéu de chuva.

Se o doente era visto com o Enfermeiro a administrar-lhe o tratamento, era visto desde logo como doente e iniciava-se a discriminação.

"Certo dia a 6 kilometros de uma povoação um indivíduo fez-me sinal para parar. Tinha ido tomar banho ao rio e estava a sangrar e como tinha



alguns conhecimentos suspeitou de que teria a lepra".
"Quero fazer análises mas só se o senhor se comprometer que é de forma confidencial". E como quem semeava a doença eram os não cumpridores, aqueles que não seguiam as orientações, em muitos casos estas solicitações eram aceites no

maior secretismo para evitar a segregação, mesmo que o Enfermeiro corresse riscos perante a Instituição e o Estado pois a orientação política era outra.

Os doentes fugiam para um ponto onde não fossem conhecidos para não serem perseguidos, sendo estes que funcionavam como agentes contagiantes.

Confidenciou-nos o colega Bexiga: "Cheguei a andar em Espanha à procura de um doente do distrito de Viana do Castelo, na altura em que se dizia que era difícil sair do país".

Certa altura um doente esteve três dias em cima de um castanheiro, para não ser internado, pois tinha a casa rodeada pela GNR. Concerteza que a compreensão do Enfermeiro evitaria esta situação.

Mas o Hospital Rovisco Pais terá sido pioneiro em alguns aspectos de humanização, com uma equipa de família,

pagando viagens às famílias e dando apoios, na educação e profissionalização dos doentes internados e seus filhos. Os doentes que aprenderam uma profissão ganhavam dinheiro dentro do Hospital para a exercerem, e quando tiveram alta foi-lhes dada a ferramenta necessária.

Mas dentro deste havia muitos medos e receios. E embora nunca se tenha verificado nenhum contágio da doença para o pessoal, havia à entrada das portas uns "macinhos de papel" que servia para o pessoal abrir a porta, e um cestinho para deitar fora esse papel. Outros utilizavam a bata como protecção para abrirem as portas. Muitos médicos não mexiam no doente e quem o destapava era o Enfermeiro com alguns cuidados. O não ter havido contágio ao pessoal parece ser devido aos cuidados de higiene que se tinha, nomeadamente a lavagem das mãos com água e sabão.

A repressão que existiu na época era entendida como necessária pois a lepra



tinha um anátema terrível. Muitas famílias sofreram uma separação compulsiva, que chegava ao ponto da separação mãe/filho logo que se dava o parto.

Para evitar a procriação, havia uma vigilância cuidada e uma separação entre os homens e mulheres. Até a Igreja, ainda existente, foi concebida em termos arquitetónicos com duas alas separadas onde nem a visualização era possível. Só do altar era possível ver todos os presentes.

Mesmo assim nasceram no Hospital Rovisco Pais muitas crianças. Eram colocadas na Creche, e a mãe só as via através do "Locutório" (vidro por onde os pais viam os filhos).



Segundo os colegas contactados, o Hospital Rovisco Pais foi a base da diminuição da lepra em Portugal "e até talvez no mundo".

A doença foi declarada controlada há cerca de 20 anos, e após a transferência da responsabilidade da luta e controlo da lepra ter passado para os Cuidados de Saúde Primários, esta Instituição foi-se degradando. Muitos dos blocos que a compoem estão em ruínas, mas ainda se mantêm internados alguns doentes, mais por motivos sociais pois "estão aqui há 50 anos e estão desintegrados socialmente". Aqui é a casa deles.

Recentemente foi anunciada uma nova etapa para o Hospital Rovisco Pais. A ideia é "dar-lhe vida pois já cumpriu a sua missão", passando a ser o Centro de Reabilitação da Região Centro. necessitará de avultado investimento, mas não haverá dúvidas que será uma boa aposta,

quer pela localização e espaços ajardinados e florestais envolventes, quer porque aproveitará ainda muitas estruturas físicas existentes.

SV

FONTES:

- Depoimentos de Enfermeiros do Rovisco Pais:
- Mário Bexiga, (1970 / 95)
 - Elias Miranda, (1969 / 95)
 - Irene Louro, (1993 / 95)